

DUAS MOEDAS PORTUGUESAS RARAS

POR POMPEU DE CARVALHO MIRABEAU, † 1940.

1.^a — Tornês de prata de D. Fernando.

Os torneses e meios torneses de D. Fernando, de prata ainda que baixa, são extremamente raros, por se terem fundido em grande número, pouco tempo depois da sua cunhagem, para serem convertidos em moedas de bolhão, em consequência das necessidades de numerário que determinava a guerra com Castela.

Dos torneses, que pelo desenho se assemelham aos primeiros reais de prata do mesmo rei, é conhecido o exemplar em bolhão, que descreve Aragão sob o n.º 10 no vol. I pág. 180, considerando-o como de bolhão muito baixo na referência da pág. 190, mas que ainda assim é bastante raro, faltando na maior parte das colecções existentes.

Também é notável a parecença deste tornês de bolhão com algumas moedas da dinastia de Aviz, denominadas reais brancos, e o próprio Aragão o considerou como tal, no seu livro «*Histoire du travail*» pág. 42, sendo porém certo que as moedas com o nome de reais brancos são posteriores ao reinado de D. Fernando, e têm outras características diferentes dos torneses.

Conheceu Aragão dois possuidores deste tipo de tornês, entre os quais cita o distinto coleccionador que foi Judice dos Santos, mas segundo o catálogo da colecção deste numismata, que foi vendida em 1906 pela casa Schulman, o exemplar de referência diverge do que estampa o livro de Aragão, em ter o anverso igual aos dos reais de prata de 11 dinheiros, sendo a moeda nesse catálogo considerada como real inédito de bolhão, e obtendo em leilão o preço de 85 florins.

Aparece agora o tornês do mencionado tipo de Aragão n.º 10, em prata, cuja liga se não pode verificar com exactidão, e que deverá ser baixa, mas em todo o caso muito superior à das moedas de bolhão, correspondendo talvez aos exemplares de melhor espécie metálica que foram cunhadas nos primeiros tempos do reinado de D. Fernando.

Nele consigna o rei formoso a posse de Samora, tanto na legenda da moeda, como nas duas letras do campo que ladeiam a inicial F do seu nome, em virtude daquela terra ser das primeiras que se lhe ofereceram — a arvorar a bandeira por ele — em seguida à morte de D. Pedro I de Castela.

Eis as características da moeda:

† FERNANDVS * REX * PORTVGALIE * SAM...E

Quinas dentro de quatro arcos, tendo nos lugares de junção três pontos.

Ṛ DOMINVS * MICHI * AIVTOR * ET: EGODIS * ESPICIAM * INIMICOS * MEOS *

Escrito em dois círculos: no campo F encimado pela coroa real, tendo à esquerda um C e à direita um A. A moeda é de prata baixa, talvez de 6 dinheiros e está em excelente conservação, faltando-lhe porém um pequeno fragmento do bordo, pelo que estão suprimidas no anverso as letras da palavra Samora. Tem o módulo de 0,027 e pesa 2,95.

2. — Meio real de prata de D. João I.

Por muito tempo foi desconhecida esta moeda, que os grandes publicistas da numismática portuguesa nunca chegaram a ver, nem sequer a presumir que existisse. A legislação monetária de D. João I é omissa e confusa em muitos pontos, e deixa dúvidas sobre a terminologia e taxonomia dos diferentes exemplares de moedas que se cunharam neste reinado.

As mesmas razões que, no tempo de D. Fernando, levaram a *quebrar moeda* para acudir às necessidades da guerra, subsistiram e agravaram-se, quando o fundador da dinastia de Aviz subiu ao trono.

Assim as moedas de prata cunhadas por D. João I pouco tempo duraram, não tardando em enfraquecer-se, isto é, em ser substituídas por outras, de menor valor intrínseco (de bolhão), e estas em tornar-se sucessivamente depreciadas no peso e na qualidade da espécie metálica, correndo porém todas com a valia das primitivas, e como tais aceites pelo povo, que deu um exemplo de devoção cívica sem igual na história.

São por consequência raras as moedas de prata deste reinado, mas conhecem-se ainda que mal definidas as disposições que determinaram a cunhagem dos reais de prata de 9 dinheiros, em que D. João se intitula regedor e defensor do reino, e presumem-se as que levaram ao fabrico dos reais de 10 dinheiros em que o monarca aparece com o título de rei. Dos tipos de reais existem exemplares em várias colecções.

Desconhecia-se porém a existência do meio real de prata do tipo de regedor e defensor do reino, que apareceu pela primeira vez descrito no «Arqueologo Portuguez», vol. VIII, pág. 149, como pertença do coleccionador Cyro Augusto de Carvalho, e tem passado até hoje como moeda única.

O numofiláceo deste amator foi vendido em Amsterdam em 1905

pela casa Schulman, e no respectivo catálogo vem mencionado com o N.º 42 o referido meio real, que foi adquirido pelo distinto coleccionador Sr. Robert Shore.

Descobre-se agora outro exemplar, inteiramente semelhante, que vem corroborar a existência de uma moeda portuguesa, que teve curso no fim do século XIV, sem referência nas crónicas ou nos documentos legislativos da época, e que pelas características é sem dúvida o meio real de prata de D. João I como regedor e defensor do reino. Eis a moeda:

$$+ \text{Ihns} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{D} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{G} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{R} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{D} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{R} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{PO} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \overline{\text{ALGAR}} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \overline{\text{B}}$$

As quinas postas em cruz num círculo de quatro arcos com flores nos pontos de junção.

$$\text{R} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{ADIVTORVM} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{NRV} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{QI} \begin{array}{c} \times \\ \times \end{array} \text{FEC}$$

No campo I h A S e por cima entre duas hâsteas a cruz de Aviz; em baixo L entre duas rosáceas.

A moeda é de prata com boa liga, e está bem conservada achando-se apenas apagadas as letras ALGA na legenda do anverso. Tem o mod. 0,018 e pesa 1,3.

*

As duas moedas citadas vieram parar à mão de um amador português que lhes aprecia o valor que têm, e que representam na numismografia nacional. Seria para desejar que os exemplares de igual merecimento não saíssem do País em busca de remuneração condigna que têm nos vários museus da Europa, e entre os amadores com fortuna que nos países estrangeiros se dedicam ao culto da numaria.

Para isso deveriam os nossos museus ter uma dotação conveniente para os seus conservadores fazerem as aquisições monetárias nos poucos estabelecimentos do País, que tratam da compra e venda de moeda antiga portuguesa, e onde entram e saem do balcão muitas preciosidades cujo destino se ignora.

Nota — Por um equívoco de tipografia, a segunda parte deste artigo (Duas moedas portuguesas raras) foi há meses isoladamente publicada numa Revista portuguesa e assinada com as iniciais L. P. G.

A «Nummus» acedeu ao pedido de rectificação feito pelo ilustre colaborador, Dr. Luís Pinto Garcia, não só pela consideração em que é tido este Ex.^{mo} Sr. como também, e principalmente, por ter reconhecido de grande interesse a maior divulgação, no meio próprio, do assunto versado pelo falecido Dr. Mirabeau.